

ESCRITA TRADUTÓRIA E ESCRITA LITERÁRIA:

*ENTREVISTA COM PAULA
GLENADEL*

Thiago MATTOS¹
Álvaro FALEIROS²

1 – Antes de ir às perguntas, gostaríamos de agradecer a disponibilidade e generosidade em nos conceder esta entrevista. Sua atuação na pesquisa universitária, criação literária e prática de tradução será muito enriquecedora para o conjunto de reflexões deste dossiê. Para começarmos a conversa: como foi seu percurso nesses três campos? Como se deu sua formação universitária? De que modo chegou à criação poética?

Eu é que agradeço o interesse de vocês pelo meu percurso e pelo meu trabalho. Minha formação universitária foi a seguinte: cursei Licenciatura em Letras, opção português-francês, na UFRJ, tendo seguido paralelamente o curso do antigo “Nancy” da Aliança Francesa, que durava três anos. Depois, fiz, na mesma

¹ Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo. Atualmente é doutorando na mesma instituição e bolsista da FAPESP. E-mail: thiago_loc@yahoo.com.br

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. É professor de literatura francesa e tradução literária na mesma universidade. E-mail: faleiros@usp.br

universidade, Mestrado e Doutorado em Letras Neolatinas. A dissertação já tinha um olhar atento às coisas de tradução, pois estudava a obra de Samuel Beckett, para quem o bilinguismo é um aspecto importante, e também seguia propostas de Gilles Deleuze sobre uma “língua menor”, estrangeirizante. Na tese, voltei-me para a obra de Sade, pois também sempre me interessaram muito as relações entre literatura e filosofia, bastante presentes nessa obra. Após a defesa da tese em 1996, comecei a pesquisar sobre poesia, e à medida que ia lendo e conhecendo melhor a obra de alguns poetas franceses, fui assumindo um antigo desejo de criar textos poéticos meus – publiquei o primeiro livro de poesia em 1999. A publicação do primeiro livro traduzido aconteceu quase na mesma época: *Rua Ordener, rua Labat*, livro de Sarah Kofman (Caetés, 2000), em colaboração com Luiz Fernando Medeiros de Carvalho.

2 – Ezra Pound se tornou um nome único na poesia do século XX por ter unido, de maneira quase inseparável, tradução e criação literárias. No Brasil, os concretos também elevaram a tradução ao patamar de escrita literária, numa retroalimentação de base poundiana. Sendo poeta e tradutora, como você vê a presença da escrita tradutória na sua escrita poética e vice-versa?

Vejo essa presença da escrita tradutória na escrita poética como fundamental, de um lado a outro, como fonte de criatividade linguajeira, capaz de fornecer exemplos de usos da língua estrangeira que acabam se incorporando ao meu uso da língua dita materna em que escrevo poeticamente, o qual, por sua vez, influi sobre a relação com a língua estrangeira de que traduzo textos, o francês. De certo modo, esse vaivém acaba criando uma “espécie de espaço” de linguagem híbrido, bastante pessoal, entre as duas línguas. Já me aconteceu também de escrever poemas em francês, mas não sei que tipo de francês; apesar da sua correção linguística, talvez ele pareça diferente para algum leitor francês.

3 – Alguns dos autores que você traduziu, como Michel Deguy e Nathalie Quintane, parecem habitar também seu horizonte de pesquisa universitária. Como acontecem essas escolhas? E, principalmente, por que traduzir esses autores? Seria, a tradução, um gesto crítico, articulado à escrita crítica? Seria uma maneira de estabelecer outros tipos de relação com esses autores?

As escolhas acontecem basicamente ao sabor da pesquisa, porque traduzir é, como se diz de modo muito acertado, uma maneira de ler radicalmente, profundamente, um texto. Digamos que o que se vê de um texto quando se lê não é sempre a mesma coisa: pode-se ler sozinho, ler e comentar em sala de aula, ler traduzindo; todas essas leituras de um “mesmo” texto geram efeitos de sen-

tido diferentes. Traduzir um texto que se pesquisa também amplia o círculo de leitores entre o público discente e os colegas de outras áreas. As escolhas, além disso, podem eventualmente surgir das sugestões colocadas por parceiros de pesquisa e de tradução, como Marcos Siscar.

4 – Você traduziu *A rosa das línguas* (Michel Deguy, CosacNaify, 2004) com Marcos Siscar. Como foi essa experiência a quatro mãos, se comparada com traduções feitas solitariamente?

Foi muito boa essa experiência de parceria tradutória onde, inclusive, nós é que selecionamos os poemas, pois esse livro de Deguy só existe em português. Tanto foi boa, que além desse livro, traduzi também juntamente com Marcos Siscar poemas de Jacques Roubaud (*Os animais de todo mundo*, Cosac & Naify, 2006) e mais recentemente um livro de ensaísmo poético de Michel Deguy (*Reabertura após obras*, Editora da UNICAMP, 2010). Creio que a principal vantagem é, certamente, a de poder dispor de um interlocutor para o cotejamento de interpretações, dúvidas e soluções, enfim, para as incontáveis situações de perplexidade quanto à compreensão de algum trecho, ou de “melancolia” causada pela impossibilidade de preservar algum aspecto do original.

5 – Nos últimos anos, os cursos de Letras do Brasil, tanto na graduação quanto na pós-graduação, têm se voltado, a partir das mais diversas perspectivas de pesquisa e formação, para os Estudos da Tradução. A própria Universidade Federal Fluminense, onde você leciona, está entre essas instituições, construindo tanto um laboratório de tradução (Labestrad) quanto uma habilitação em tradução na graduação. Como você vê a entrada da tradução nas universidades? De que modo uma área que mesmo hoje é vista por alguns como secundária pode estar atraindo e agregando (de maneiras tão variadas) tantos pesquisadores, pós-graduandos e graduandos?

A tradução consegue mobilizar os estudantes de uma maneira especial, porque é certo que nem todos os alunos de Letras desejam ser professores, ou apenas professores. Eles veem no exercício da tradução uma possibilidade de atuação profissional que é atraente. Isso do ponto de vista da carreira. Do ponto de vista teórico, cada vez mais a tradução vem aparecendo como um processo que mobiliza diversas competências relacionadas ao texto, à linguagem, à literatura, a todo o processo de construção de sentido.

6 – Seu último livro, *Rede* (Confraria do Vento, 2014), é “um livro sem gênero definido” (Dirce Waltrick do Amarante, jornal *O Globo*, 16/05/2015), parecendo mobilizar, não sem ironia, poesia, teatro e es-

crita acadêmica. Alguns dos autores contemporâneos que você traduziu ou pesquisou, como Nathalie Quintane e Valère Novarina, são conhecidos por colocarem em tensão o gênero com que majoritariamente trabalham (poesia e teatro, respectivamente). Nos Estudos da Tradução, é habitual pensar a tradução literária a partir de três modalidades que seriam, em teoria, específicas: tradução de poesia, tradução de prosa e tradução de teatro. Nesse contexto contemporâneo, em que essas fronteiras vão sendo alargadas, ou até borradas, faz sentido pensar a tradução literária nessa base tripartite? Como pensar a tradução literária para além desse tipo de segmentação?

Bem, eu não costumo pensar a tradução segundo essas modalidades, embora reconheça que há aspectos específicos em cada uma delas. Creio que o tradutor bem preparado pode passar de uma a outra sem maiores complicações, uma vez que aborde o trabalho do autor traduzido segundo as regras colocadas pelo funcionamento singular de sua prática discursiva. Isso, tanto para os textos de uma época mais marcada pela segmentação dos gêneros, ainda que a transgridam pontualmente, “textos de prazer”, como diria Roland Barthes, quanto para os “textos de gozo”, aqueles que, como vocês disseram, são os que escrevem os autores contemporâneos, cada vez mais instalados em um espaço no qual essa segmentação não faz mais sentido. Se é que tem sentido invocar aqui essa *segmentação* barthesiana, e desse modo...